



Septicemia no Rio Grande do Sul entre 2010–2025: tendência de internações, mortalidade e custos hospitalares no SUS

Tema: Medicina

Guilherme da Rocha Cayres; Giovana De Sousa Ferro Barbosa; Eduarda de Pellegrin Bertoldo;

UFSM campus Santa Maria | UFRJ campus Macaé
Santa Maria, RS | Macaé, RJ/RS

INTRODUÇÃO: A sepse, disfunção orgânica decorrente de resposta inflamatória desregulada à infecção, constitui grave problema de saúde pública global, associada a elevadas taxas de mortalidade hospitalar e expressivo consumo de recursos assistenciais. No Brasil, as internações por septicemia apresentam tendência crescente, com variabilidades regionais. Nesse contexto, a análise do panorama epidemiológico do Rio Grande do Sul (RS) torna-se imprescindível para fundamentar tanto estratégias de prevenção quanto de alocação de recursos. **METODOLOGIA:** Estudo ecológico retrospectivo com dados do SIH/SUS referentes ao RS (2010–2025), analisando internações por septicemia (CID-10 A40-A41). As variáveis analisadas foram: óbitos, dias-paciente, taxa de mortalidade anual, custos, permanência hospitalar, sexo e comparações regionais e nacionais. **RESULTADOS:** O RS registrou 173.626 internações, 65.552 óbitos e 1.991.327 dias-paciente no período, com crescimento de aproximadamente 148% no volume anual de internações (6.874 em 2010 para 17.047 em 2024). A taxa de mortalidade oscilou entre 34,38% e 41,12%, com pico em 2021. Mulheres apresentaram maior letalidade (39,14% vs. 36,45% nos homens). O custo total cresceu de R\$17,6 milhões (2010) para R\$61,7 milhões (2025), atribuível predominantemente ao volume, com custo unitário médio estável (R\$3.293,30). A permanência média reduziu de 16,7 para 10,5 dias. A taxa de mortalidade do RS (37,75%) mostrou-se inferior à média nacional (44,59%). **CONCLUSÃO:** A sepse representa carga crescente no RS, com pico de mortalidade coincidente à pandemia de COVID-19. A menor taxa estadual e a redução da permanência podem indicar ganhos assistenciais, mas requerem cautela interpretativa por possíveis variações de codificação diagnóstica e gravidade. Os achados reforçam a necessidade de vigilância epidemiológica contínua e planejamento regionalizado.

REALIZAÇÃO



ORGANIZAÇÃO



sotirgs@officeeventos.com.br